

Dr.^a Isabel Almeida e Brito
IPSS, Lisboa

1. Introdução

A Assistência Paroquial de Santos-o-Velho é uma IPSS com valências de Creche, Jardim de Infância (190 crianças no total), Centro de Dia, Posto Médico e Apoio Domiciliário. Pela sua acção, desde há 70 anos, representa um polo de operacionalidade católica na comunidade, mesmo para além dos serviços específicos que presta. Por outro lado, a APECEF, Associação para a Educação, Cultura e Formação está a promover uma escola primária, cujo projecto educativo dá continuidade - no que diz respeito ao seu ideário - ao da Assistência Paroquial de Santos-o-Velho. Assim, as duas entidades pretendem participar neste Congresso, agradecendo aos organizadores a iniciativa de um tal debate público, que julgamos da maior importância no contexto actual.

2. Sessões III e IV - Questão 1

Quais os valores que considera mais importantes na formação dos jovens?

Os valores que nos parecem mais importantes transmitir na formação das crianças e jovens são:

- A **curiosidade** e o espanto, a **admiração**, perante toda a realidade: propomos que toda a realidade tem um sentido bom, foi feita para nós por Alguém que nos ama, e por isso vale a pena ser descoberta, contemplada, e usada para a dignificação da vida humana.
- O uso da **razão como capacidade** - especificamente humana - de **conhecer toda a realidade**: propomo-nos habituar as crianças e os jovens a conhecerem com realismo e a amarem a verdade acima de si próprios, usando a razão como instrumento flexível e adequado a conhecer tudo, interrogando a realidade e procurando colher o seu significado. O uso da razão nestes termos fortalece um verdadeiro espírito crítico e é a base do exercício da liberdade.

- O sentido religioso, como desejo de plenitude e de relação com a origem e o destino último da própria vida, como forma privilegiada de uma consciência de si próprio livre em relação a projectos parciais de manipulação e poder. É o sentido religioso que permite viver numa constante tensão para uma cada vez mais profunda moralidade e vida feliz.
- A **amizade** como relação específica que favorece a consciência do próprio valor pessoal e que é o contexto em que todas as virtudes podem ser exercitadas sem constituírem um caminho árido de auto-perfeição meramente individualista.
- A **liberdade** como o valor fundamental da pessoa humana, liberdade concebida como capacidade de aderir ao ser, como energia afectiva que possibilita à pessoa aderir à verdade sobre si própria e o mundo.

3. Sessões III e IV - Questão 2

Indiquem dois agentes de socialização que considerem ter uma maior influência sobre os jovens.

Consideramos que a Família, a Escola e o Grupo de Amigos são os elementos socializadores mais importantes. De facto, a educação é sempre uma cultura partilhada: a maneira como se estabelece o desafio da participação activa no grupo a que a criança ou o jovem pertencem depende da forma como os adultos e pares respondem àquele desafio. Por isso a família, a escola e o grupo de amigos são na prática os âmbitos em que se moldam os comportamentos sociais; mesmo que o sejam pela negativa, ou seja, se a proposta da família ou da escola é «neutra», inexistente, ambígua ou desadequada, a sua força cede perante uma qualquer outra, seja ela a da televisão ou a de outro qualquer âmbito em que seja afirmado um conteúdo capaz de – bem ou mal – atrair a criança ou o jovem.

4. Sessões III e IV - Questão 3

Para além da escola, quais os agentes de socialização consideram importantes e relevantes na educação dos jovens?

A família é, sem dúvida, o âmbito de socialização por excelência; pela positiva, se a própria família vive uma experiência social e cultural rica, ou pela negativa, se a família se afirma pela exclusão na participação da vida social e cultural ou se opta por uma atitude de indiferença.

5. Sessões III e IV - Questão 4

Identifiquem cinco dos principais valores presentes no vosso Projecto Educativo.

A resposta é idêntica à da primeira pergunta.

6. Comentários Livres

Quase como nota de rodapé, não podemos deixar de afirmar que não se pode falar sobre a transmissão de valores na educação sem se aprofundar uma tomada de posição sobre o significado da vida, e, portanto, da educação. De facto, o homem é uno e as crianças e os jovens são particularmente sensíveis a uma proposta que peque por artificial ou castradora de algum aspecto da riqueza e complexidade humanas. A nossa experiência mostra que a pessoa - e quanto mais nova, menos céptica é a pessoa - pede o encontro com alguém cuja experiência seja fascinante e atractiva. A atracção acontece quando aquilo que se propõe com a própria vida corresponde aos desejos do coração, corresponde ao desejo de Bem, de Beleza, de Justiça e de Verdade. Sendo que a educação supõe um educador - um adulto consciente e entusiasmado com a sua missão - parece-nos fundamental favorecer uma dignificação do estatuto de todas as pessoas com funções educativas e pedagógicas, um estatuto que seja ele próprio favorável a que os educadores se afirmem como pessoas de carácter exemplar, líderes e cidadãos completos.

De facto parece-nos que uma das causas fundamentais da pobreza do conteúdo educativo que se verifica em muitas das nossas instituições de ensino em particular e de contacto com crianças e jovens em geral, é uma pobreza de proposta, que pervade os elementos com funções directivas e estratégicas e atinge também, pessoal e profissionalmente, os agentes directos do processo educativo, sejam eles professores, monitores, contínuos e, em círculo, as próprias famílias.

Assim, parece-nos que são urgentes medidas que confiram maior poder decisório às unidades educativas, atribuindo-lhes assim a correspondente maior responsabilidade de decisão sobre os projectos educativos que propõem. Com efeito, sem educadores de carácter, com capacidade de liderança e que exerçam a sua cidadania, nenhum destes valores passa como proposta verificada e interiorizada pelos educandos. Até à adolescência, a pessoa apreende valores sobretudo por osmose, contactando dia-a-dia com pessoas que os transmitem porque os vivem; e na adolescência, a necessidade de criticar as propostas recebidas – na verdadeira acepção da palavra criticar, ou seja examinando as razões de fundo dessas propostas, comparando-as com a própria experiência e exercendo a Uberdade na aceitação ou recusa – só acontece num contexto vivência, em que a proposta seja viva e não mero moralismo formal.

Como primeira medida indispensável, parece-nos a de atribuir a obrigação de cada escola e instituição educativa, estatal ou não estatal, apresentar às famílias e à comunidade um ideário e um projecto educativo da sua autoria, baseado nos princípios e valores que considera fundamentarem toda a sua acção.

Indesligável desta medida, apresenta-se-nos a da introdução da liberdade de educação nos seus dois aspectos: o da liberdade de escolha por parte das famílias de um projecto educativo que corresponda aos seus próprios valores e princípios, e a da equiparação em termos de custos para as famílias de todas as escolas, quer tenham natureza estatal quer surjam da iniciativa privada. Constatamos que só num ambiente cultural, social político e comunitário que seja ele próprio experiência da diversidade em que se desdobra a dignidade humana, se pode esperar que surjam com vitalidade, instituições verdadeiramente educativas.

Dr.^a Maria do Carmo Canas
Dr.^a Maria dos Anjos Mousinho
Dr.^a Maria José Queiroz Valério
Escola EB 2-3 Gaspar Correia, Portela de Sacavém

Educação para os valores

1. Introdução

No ano lectivo de 1973/74 é criada a Escola Preparatória Gaspar Correia na Urbanização da Portela, sendo frequentada por alunos de um estrato social-cultural médio e médio-alto.

Inicialmente apenas com o 2º ciclo, integrou o 3º ciclo a partir de 1988/89.

Ao longo dos anos foram surgindo bairros de lata periféricos, cuja população era e é na sua maioria proveniente das ex-colónias, evidenciando alto nível de desenraizamento e que exerce a sua actividade profissional, de forma geralmente irregular, na construção civil, no serviço doméstico e no comércio ambulante.

Na década de 80 já existiam alunos provenientes de Moscavide, Olivais Norte, Bairro da Encarnação e Prior Velho, englobando estes as classes média e média-baixa. A estes começaram a juntar-se em grande escala os alunos dos bairros degradados da Quinta da Vitória, Quinta do Mocho e Casal dos Machados. Muitos destes bairros têm zonas étnicas bem delimitadas. As famílias africanas, indianas e lusas agruparam-se consoante as suas etnias e ocuparam os seus próprios espaços.

Na década de 90 foi notória a modificação da população estudantil. Surgiu uma grande diversidade étnica com a chegada constante de alunos de Cabo-Verde, Guiné, S. Tomé e Angola. A etnia indiana foi a que sempre se manteve numericamente estável ao longo dessa década.

Em todas estas etnias existe um elevado número de alunos com múltiplas necessidades educativas especiais.

Atendendo à especificidade da nova população escolar foram implementados em 1997/98 o Ensino Recorrente dos 2º e 3º ciclos e em 2000/01 os Currículos Alternativos, para fazer face às necessidades de promover um processo de aprendizagem mais individualizado, compatível com o perfil e cultura destes novos alunos.

Estabeleceram-se prioridades e delinearam-se estratégias levando a um progressivo crescimento pessoal destes jovens.

No ano lectivo de 2002/03 a escola foi frequentada por 763 alunos, sendo 491 do 2º ciclo e 272 do 3º ciclo. Nestes totais estão incluídos os alunos do Ensino Recorrente e dos Currículos Alternativos.

2. Sessões III e IV - Questão 1

Quais os valores que considera mais importantes na formação dos jovens?

Apesar de todas as desarticulações, mudanças e alterações que se têm verificado na instituição “família”, esta continua a constituir o início e o elemento fundamental onde os jovens começam a adquirir os valores que vão influenciar o seu carácter e atitudes de socialização, cooperação, tolerância, responsabilidade, civismo, partilha e aceitação da diferença.

Na sociedade actual, a violência quotidiana é cada vez mais frequente e revela a ausência dos valores da cidadania, resultando em agressões, mau comportamento, má educação, ameaças, agressividade, roubo, desrespeito pelas regras, entre outros.

Cabe então à escola ajudar a reencontrar os valores de solidariedade e promover a abertura ao outro social.

A disciplina não curricular “formação cívica” foi criada para ajudar a combater a ausência dessas referências sociais.

A socialização dos alunos passa por despertar a sua consciência cívica para o combate à violência e à exclusão social e o regresso dos valores, normas e regras à educação.

Este processo de descoberta dos valores não surge de uma só vez.

Há que perceber que à medida que o jovem vai crescendo, os valores morais e sociais vão acompanhando o seu desenvolvimento.

A aquisição de estruturas cognitivas e afectivas permitem raciocinar e sentir, mostrando consideração pelos interesses, necessidades e sentimentos de si próprio e dos outros.

No nosso “Plano Anual de Actividades 2002/03” fomentámos um conjunto de actividades nesse âmbito, a saber:

- Acampamento;
- Assembleias de alunos;
- Associação de estudantes;
- Clubes;
- Colaboração na Gymnaestrada;

- Comemoração de efemérides;
- Concurso de prosa e poesia;
- Exposições;
- Feira do livro;
- Festas comemorativas;
- Inauguração e dinamização da BECRE;
- Jograis;
- Olimpíadas da Matemática;
- Presença de autores de Literatura Portuguesa;
- Problema mensal de Matemática;
- Projecto Europeu de teatro “Paz e Direitos do Homem”;
- Projecto Net leituras;
- Projecto padrinhos/afilhados;
- Projecto tele-aula;
- Recepção aos alunos (do 5º ano) e respectivos encarregados de educação;
- Reconstituição histórica;
- Semana das disciplinas;
- Torneios desportivos inter-turmas e inter-escolas;
- Viagem de final de ciclo;
- Viagens de intercâmbio;
- Visitas de estudo.

Estas actividades de complemento curricular tiveram também a finalidade de promover a igualdade de oportunidades de sucesso escolar, tendo em conta as desigualdades sociais, económicas e étnicas.

3. Sessões III e IV - Questão 2

Indiquem dois agentes de socialização que considerem ter uma maior influência sobre os jovens.

Muito se tem escrito sobre currículos, aprendizagens e avaliações.

Sentimos que para além destes aspectos teríamos que averiguar o peso da carga afectiva que pode condicionar um bom ou um mau comportamento, um bom ou um mau sucesso escolar.

Ao longo dos últimos anos, como professoras nesta escola, fomos sentindo que as referências básicas de socialização nos estavam a fugir. Cada vez mais nos debatíamos com a gestão dos conflitos entre os alunos, confrontos com os professores, indisciplina dentro e fora da sala de aula.

Questionámo-nos frequentemente sobre as causas destes comportamentos destabilizadores e na perspectiva de obtermos respostas válidas, elaborámos vários questionários direccionados para os aspectos socioafectivos dos alunos: o seu estado emocional, o tipo de professor preferido, o seu relacionamento com a família, com os colegas e com os professores.

A tristeza, a alegria, o medo, a confiança são susceptíveis de serem analisados. Estes estados emocionais tanto podem ser reflexos de uma vida familiar estável ou instável, de uma condição socioeconómica boa ou má, de pais atentos e afectivos, de pais desinteressados e ainda da predisposição dos próprios jovens.

Actualmente a estrutura familiar apresenta frequentemente um certo desequilíbrio, pois é geralmente constituída pela mãe e pelos filhos, havendo portanto uma grande percentagem de núcleos familiares com pai ausente.

Esta realidade social, em que apenas a mãe é o suporte económico da família, leva ao afastamento de um contacto frequente com a escola através dos Directores de Turma.

A pouca participação de alguns pais na vida escolar dos seus educandos provoca por vezes o desinteresse pela escola ou até um abandono escolar precoce.

Desde há muito tempo se sabe que é na família que se encontram os estímulos da afectividade. Quando existem perturbações na família, as crianças e mesmo os adolescentes têm dificuldade em separar o sentir do agir. A reacção mais comum é agir com sentimentos de revolta, medo ou tristeza, o que, tornando-as inseguras, origina estagnação ou indisciplina.

É por tudo isto que o desenvolvimento emocional tem a ver com o bem estar e o respeito pelos outros. Os grupos que querem trabalhar, não querem ser constringidos pelos indisciplinados. O trabalho escolar é, ele também, uma actividade com pesada carga emocional. Trabalha-se para os pais, para os professores e como dizem, para “ser alguém no futuro”.

Por isso, os alunos sentem necessidade de um espírito de união e amizade entre todos, de modo a que o convívio alieire as tensões.

Como alguns jovens consideram a escola a sua segunda casa, pois nela permanecem grande parte do seu quotidiano, esperam encontrar professores compreensivos que os possam ajudar a gerir as suas emoções.

Jovens e adultos (professores e funcionários) reagem uns sobre os outros neste espaço comum.

O sucesso escolar e as atitudes na escola dependem destas relações, provocando frequentemente situações de hostilidade, afecto, receio, entusiasmo, confiança, revolta ou indiferença.

A simpatia ou a antipatia por um professor pode ser a causa de sucesso ou insucesso nas disciplinas por ele leccionadas.

E os professores?

Não terão eles também a sua carga afectiva que transportam para a sala de aula?

Resolvemos inquirir de novo os nossos alunos com o objectivo de saber que tipo de professor preferem.

Os resultados mostraram-nos que um professor simpático, bem educado e respeitoso, paciente e amigo, que ajuda, utiliza linguagem clara e reconheça o trabalho dos alunos é um professor do agrado de todos.

Recusando o professor autoritário, sério e rigoroso, valorizam, no entanto, o controlo da situação na sala de aula.

Um professor deve ser firme para estabelecer uma boa relação pedagógica e um professor respeitado é aquele que sabe motivar.

Uma certa dose de humor também é do agrado dos alunos, tornando por vezes a aula menos maçadora, sem que por isso o professor sinta que se está a pôr ao nível dos alunos e a perder o controlo da turma.

4. Sessões III e IV - Questão 3

Para além da escola, quais os agentes de socialização que consideram importantes e relevantes na educação dos jovens?

A família é o elemento mais importante na modelação do carácter dos jovens.

As crianças que chegam à escola trazem já consigo uma experiência relacional e um conjunto de valores que adquiriram no âmbito familiar.

Uma família estável, atenta e confiante cria segurança nas crianças e adolescentes, ajuda a moderar os sentimentos de medo ou frustração. Pelo contrário, os pais que castigam os filhos, que os abandonam afectivamente ou que obsessivamente exigem que os seus filhos sejam modelos de perfeição, só lhes criam problemas.

Um aluno que tenha adquirido um carácter social bom, é considerado um aluno popular. Estas crianças populares são socialmente aceites pelo grupo, são apreciadas pelos seus colegas, o que permite a construção da amizade entre eles. Aprendem as regras e os padrões de comportamento e têm actividades apropriadas.

O problema reside nas crianças rejeitadas pelos colegas e excluídas das actividades sociais. Muitas destas crianças têm experiências familiares negativas e apresentam características de solidão emocional. Estes jovens desajustados, quando procuram fazer um amigo, utilizam meios impróprios e agressivos, causando a não aceitação por parte do grupo.

No caso dos adolescentes, o problema geralmente agrava-se, porque os jovens julgam e classificam os colegas provocando o seu afastamento.

Pertencer a um grupo desportivo ou cultural (canto, dança, música, teatro,...) pode ajudar a neutralizar os efeitos negativos da baixa auto-estima provocada pela rejeição ou pela hostilidade familiar.

Alguns dos nossos jovens já se integraram nestes grupos ou em grupos da Igreja com finalidades de apoio social.

Estes agentes de socialização podem fornecer-lhes regras e valores ao nível da solidariedade, da justiça e um estilo de convivência que valoriza o espírito de participação na vida da comunidade.

5. Sessões III e IV - Questão 4

Identifiquem cinco dos principais valores presentes no vosso Projecto Educativo.

Há alguns anos que o nosso Projecto Educativo refere como tema principal a escola que somos e a escola que queremos ser.

Assim, define como princípio orientador: “Assumir-se como uma escola de diversidade cultural, o que é hoje a nossa realidade, valorizando as raízes dos nossos alunos provenientes de diversos grupos culturais, proporcionando formação e informação aos diferentes agentes educativos e desenvolvendo actividades que promovam a integração plena desses alunos e o seu sucesso como cidadãos.”

Daqui decorrem as finalidades deste Projecto Educativo, que consistem em promover: O desenvolvimento harmonioso do sujeito-aluno nas suas componentes social, afectiva e moral;

- A igualdade de oportunidades de sucesso escolar, tendo em conta as desigualdades sociais, económicas e étnicas;
- A qualidade de vida na escola, melhorando as condições de segurança, de trabalho, de lazer e as relações interpessoais entre o pessoal docente, discente e não docente;
- O estreitamento da relação escola-família e escola-meio;
- A eficácia do funcionamento de todos os sectores da escola.

6. Comentários Livres

Para otimizar o funcionamento da nossa escola e formação dos nossos alunos há ainda um longo caminho a percorrer.

Debatemo-nos com:

Turmas demasiado numerosas, atendendo à área das salas, o que prejudica a aprendizagem;

Reduzido número de funcionários para apoio aos alunos e vigilância da escola cujo perímetro é bastante extenso;

Falta de mais formação das auxiliares de acção educativa para estabelecer laços de tolerância e maior civismo, numa escola frequentada por grupos étnicos muito diferentes;

Necessidade de mais formação para os professores na área dos valores para a cidadania.

No entanto, há aspectos muito positivos que não podemos deixar de nomear:

A implementação da Gestão Flexível do Currículo/Reorganização Curricular, Currículos Alternativos e Ensino Recorrente gerou progressos no âmbito comportamental e atitudes, no que respeita à socialização, responsabilidade e auto-confiança dos nossos alunos;

A Associação de Pais tem correspondido ao nosso apelo sempre que organizamos a semana das multiculturas, festas comemorativas e reconstituições históricas;

A Câmara Municipal de Loures e a Junta de Freguesia da Portela sempre nos têm apoiado nos vários eventos desportivos, visitas de estudo, comemoração de efemérides e reconstituições históricas.

7. Conclusões

Parafrazeando o provérbio índio “É preciso toda uma aldeia para educar uma criança.” concluímos que desde a família, aos professores e aos demais parceiros da sociedade, todos influenciam o processo educativo das crianças e dos adolescentes.

Percorrendo as várias etapas deste trabalho, deduzimos que em geral os nossos jovens consideram que, a seguir à família, a escola é considerada o meio mais importante de socialização. Consideram os professores como principais agentes para a melhoria do relacionamento humano na escola e não apenas como meros transmissores de saberes. Esperam ainda que os professores sejam os mediadores de conflitos e os ajudem a controlar atitudes de tensão, ansiedade, agressividade, insegurança e medo.

O futuro dos alunos, enquanto pessoas, passará sempre por aquilo que o professor lhes conseguir transmitir através da educação. Pela educação se poderá melhorar a integração dos alunos na dinâmica da escola, se poderá inculcar-lhes valores universais de amizade, paz, justiça, solidariedade e respeito pelo outro para que ajam na comunidade escolar de uma forma activa e responsável.

Hoje em dia acentua-se a falta de cultura para a cidadania, tornando-se urgente a educação para os valores. E como a sociedade é cada vez mais plural e haverá sempre culturas diferentes, torna-se importante incentivar a tolerância e a aceitação das diferenças como meio de caminhar para uma melhor coesão social.

É à escola que compete a formação e educação assente nestes princípios e valores, embora os primeiros estímulos responsáveis pela educação sejam dados pelas famílias, pelos índices socioeconómicos, pelos factores extraescolares (a informação, as crenças religiosas e culturais) e pela própria personalidade dos alunos.

A escola pode oferecer ajuda na socialização dos alunos através do contacto com outros grupos sociais, podendo também fazer um trabalho de apoio afectivo, social, cultural e intelectual. Esperamos que as escolas e os seus professores contribuam para atenuar as diferenças e para promover a igualdade de oportunidades educativas.

8. Bibliografia

Alves, N. e outros, Escola e Comunidade Local, Ministério da Educação, Instituto de Inovação Educacional, Lisboa, 1997.

- Antão, J. A., *Comunicação na Sala de Aula*, Edições Asa, Lisboa, 1993.
- Cotrim, A. M., *Educação Intercultural: Abordagens e Perspectivas*, Ministério da Educação, Lisboa, 1995.
- Curto, P. M., *A Escola e a Indisciplina*, Coleção Educação, Porto Editora, 1998.
- David, M.; Gal, R.; François, L.; Voeltzel, L.; Ferré, A., *Temas de Psicopedagogia Escolar - O professor e os alunos*, Livros Horizonte, Lisboa, 1978.
- Eggen, F.; Lewis, I.; Haimendorf, C. e outros, *O homem no mundo*, Editorial Verbo, Lisboa/São Paulo, 1982.
- Fonseca, A. M., *Educar para a cidadania*, Porto Editora, Porto, 2000.
- Freitas, M. L.; Santos, M. L.; Silva, E. A., *A Evolução do Sistema Educativo e o Prodep - Uma Escola à Procura de Rumo*, Ministério da Educação, Departamento de Avaliação, Perspectiva e Planeamento, Lisboa, 1998.
- Lourenço, O. M., *Crianças para o Amanhã*, Porto Editora, Porto, 1993.
- Pinto, V. F. e outros, *Educação para a Tolerância*, Actas da Conferência, Ministério da Educação, Lisboa, 1996.
- Publicações da International Education Partnership, *The Professional Development of Teachers*, St. Richards Press Ltd., Londres, 1999.
- Publicações da International Education Partnership, *Parents as Partners in Education*, St. Richards Press Ltd., Londres, 1999.
- Sampaio, D., *Voltei à Escola*, Editorial Caminho, Lisboa, 1996.
- Sampaio, D., *Vivemos Livres numa Prisão*, Editorial Caminho, Lisboa, 1998.
- Teixeira, M., *O Professor e a Escola*, McGraw-Hill, Lisboa, 1995.

Dr.ª Ana Pais

Externato Marista de Lisboa/ISPA, Lisboa

Dr.ª Carla Cibebe Figueiredo

ESE de Setúbal/ISPA, Setúbal

Aprendizagem dos direitos e deveres Cívicos e Políticos na escola: o papel da Associação de estudantes

A Educação no conhecimento e exercício dos Direitos Humanos é uma preparação para, no presente e no futuro, se compreender, defender e agir de forma consciente e responsável como cidadão. Depois de quase meio século passado sobre a Declaração dos Direitos Humanos, um questionário aplicado junto de algumas turmas de jovens do Ensino Básico e Secundário na área da grande Lisboa, evidenciava que mais de 50% nunca ouviram falar de tal Declaração. Embora tratando-se de um mero inquérito académico (desenvolvido pelos formandos no âmbito da Pós Graduação em Educação para a Cidadania no ISPA) e dada as características e dimensão da amostra utilizada na aplicação, não poderemos generalizar os resultados, no entanto estes têm, pelo menos, o condão de nos interrogar.

Entre o conjunto de Direitos consagrados nessa Declaração, incluem-se aqueles que se convencionou designar como Direitos Cívicos e Políticos (Liberdade de Pensamento e Consciência; Presunção da Inocência e Juízo Justo; Direitos da Família; Direito à Participação). O seu conhecimento e, sobretudo, a possibilidade de os exercer de uma forma activa têm inegável valor para preparar os jovens para a vivência da Cidadania num sistema democrático.

O direito à participação é consagrado como um direito civil e político que, de entre outras formas, se traduz, em Democracia, na possibilidade que todos têm de escolher os representantes políticos do seu país. Na base do conceito de representação política está o reconhecimento da Cidadania, isto é, a diferença entre ser um mero súbdito, simples "objecto do poder" ou verdadeiro "sujeito do poder". Se na Monarquia absoluta o "rei é o povo", é através dele que o povo se manifesta como unidade, a Democracia implica capacitar os eleitores "para a escolha política". Podemos interrogar como é que essa capacidade de escolha se adquire. Será que (como por magia) aos 18 anos quando formalmente o jovem adquire o direito de voto, adquire também essa capacidade? As elevadas taxas de abstenção, que não são só entre os jovens mas também entre os adultos,

a par de outros indicadores considerados no estudo “Jovens portugueses de hoje (Villaverde Cabral e Machado Pais, 1998), tais como a frequência de discussão de assuntos políticos, a identificação partidária ou a participação nas Associações em geral mostram uma realidade desanimadora ao nível da participação social.

E de facto, poderia não ser assim, uma vez que desde a existência de um regime democrático em Portugal, se consagrou o direito que os jovens, sobretudo os do Ensino Secundário e do Ensino Superior têm de constituir e gerir uma Associação de Estudantes, donde obviamente decorre a possibilidade de ser eleitor e eleito e de conhecer activamente o significado de uma representação de natureza política. A consagração só a partir do Ensino Secundário traduz, contudo, a ideia de que a capacidade de escolha decorre da maturidade que se adquire com a idade, facto que a Psicologia do Desenvolvimento demonstrou ser tudo menos linear.

É verdade que as oportunidades de participação política no interior das instituições educativas podem ser muito mais vastas do que a constituição, representação e dinamização da Associação de Estudantes; por exemplo, a participação na gestão da turma, no Projecto Educativo de Escola, no Regulamento Interno, no processo educativo, nas actividades de complemento curricular...! Embora estas e outras formas de participação sejam importantes, é efectivamente a Associação de Estudantes a única que é (ou pelo menos deveria ser) genuinamente vivenciada entre pares. Tem, portanto, as características para ser analisada à luz do que este colóquio enuncia como os seus três vértices: Cidadania, Carácter e Liderança, possibilitando a aprendizagem interactiva dos três. Contudo, tal experiência não só tem sido objecto de poucos estudos (estes centram-se muito mais nas oportunidades de educação para a Cidadania do ponto de vista do Currículo), como os ecos que chegam das práticas deste “excelente potencial” de exercício de cidadania são mais decepcionantes do que animadoras. Como afirma um dos professores entrevistado no âmbito do estudo “Por Favor Elejam a B” as “associações de estudantes têm um trabalho muito diluído”, reforçando um outro professor esta ideia, afirmando que o corpo docente tem uma expectativa de descrédito e quase sempre negativa face à capacidade de iniciativa e de intervenção dos membros da Associação de Estudantes; dizendo:

“se precisamos de alguma coisa em que é preciso a ajuda da AE pomos sempre a hipótese de... eles não vão fazer, eles não vão entregar a tempo e, aí,... não confiamos muito neles”.

E a afirmação de um outro aluno, interrogado no âmbito do mesmo estudo, evidencia bem o modo como os próprios jovens consideram a Associação de Estudantes:

“Como é que tomamos consciência do que é a Associação de Estudantes? Só quando existem determinadas manifestações de ordem cultural, entre aspas, quando fazem jogos, torneios de futebol ou quando participam em algumas actividades no final de cada período com algumas festinhas”.

Os próprios alunos constróem um discurso crítico sobre as Associações, como se pode verificar pela seguinte afirmação:

“fala-se, também, que a maior parte dos alunos não sabe qual é a verdadeira função da Associação de Estudantes, nem percebe esses órgãos e muitas vezes as pessoas que estão no papel da Associação de Estudantes também não sabem que funções é que têm de exercer. E, também, ninguém se oferece para ser candidato a representar os alunos no Conselho Pedagógico; muitas vezes não sabem, e eu também era uma delas, não sabia que havia um aluno que era representante no Conselho Pedagógico”.

Contudo, esta visão negativa de que as Associações de Estudantes constituem uma oportunidade desperdiçada para a aprendizagem da Cidadania, poderá não constituir uma fatalidade. De facto, embora minoritários, há outros discursos construídos pelos alunos, como o que apresentamos seguidamente de um aluno do Ensino Secundário pertencente à Direcção da Associação de Estudantes da sua escola:

“a Associação de Estudantes é um conjunto de representantes dos alunos, os alunos também são sujeitos de intervenção da escola. É a Associação que estabelece a ligação, que ajuda as redes de comunicação; contribuimos para a participação dos seus membros nos problemas educativos. Através das nossas iniciativas promovemos os valores fundamentais do ser humano. E podemos ainda colaborar com outras Associações estudantis, quer a nível nacional, quer a nível internacional”.

De facto há uma série de questões que consideramos importantes para um debate acerca desta matéria. Como constróem os alunos discursos tão diferentes? Como é que há práticas e contextos que fazem a diferença? Porque será que ao nível da gestão das escolas públicas se fala por um lado em representantes dos alunos e por outro em Associações de Estudantes? Até que ponto os contextos escolares integram e valorizam as Associações de Estudantes? E como são valorizados os alunos que assumem esta liderança? Que contributos são solicitados à Associação de estudantes para o desenvolvimento da escola?

Debatê-las é urgente numa sociedade que muitas vezes sentimos adormecida, surda face à ideia de que é fundamental um efectivo crescimento no cumprimento dos direitos e deveres.

Bibliografia

Trabalhos académicos elaborados no módulo “Direitos Cíveis e Políticos” pelos formandos da Pós Graduação em Educação para a Cidadania/ISPA

Lima, Licínio c. (1998). Por favor elejam a B - O Associativismo Estudantil na Escola Secundária. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa

Villaverde Cabral e José Machado Pais (1998). Jovens Portugueses de Hoje. Oeiras: Celta

Dr.^a Maria do Carmo Teixeira
Associação de Guias de Portugal, Lisboa

1. Introdução

A ASSOCIAÇÃO GUIAS DE PORTUGAL (AGP) é uma associação de utilidade pública sem fins lucrativos, assente no voluntariado e que promove o **GUIDISMO**. O **GUIDISMO** é um Movimento de educação não formal, que se baseia no método preconizado por *Baden-Powell* e tem como objectivos principais a formação e o desenvolvimento integral das raparigas e jovens mulheres, nas vertentes física, intelectual, social, espiritual e emocional.

A AGP é membro efectivo da Associação Mundial das Guias (World Association of Girl Guides and Girl Scouts - WAGGGS), que integra jovens voluntárias espalhadas por 150 países e que conta, actualmente, com cerca de 10 milhões de associadas, tendo como Missão proporcionar às raparigas e jovens mulheres a oportunidade de desenvolverem plenamente o seu potencial como cidadãs universais responsáveis. A Associação Mundial das Guias tem tido um papel decisivo em projectos de educação e desenvolvimento comunitário, participando simultaneamente em diversos programas promovidos pelas Nações Unidas e seus departamentos especializados.

Método Guidista

A abordagem pedagógica do **GUIDISMO** – método guidista – visa o desenvolvimento do pleno potencial e harmoniosa identidade pessoal de cada rapariga/indivíduo em complemento à Família e à Escola.

O método guidista assenta, entre outros aspectos, (i) na *Patrulha*; (ii) no aprender fazendo; (iii) no auto-desenvolvimento progressivo; (iv) nas actividades ao ar livre; (v) no serviço à comunidade.

Sistema de Patrulhas

Cada rapariga é motivada a integrar um pequeno grupo – a *Patrulha* – no seio do qual, desde a mais tenra idade, encontra um espaço de desenvolvimento e potenciação das suas

competências/capacidades, através da execução de tarefas e partilha de interesses que vão incrementando o sentido da responsabilidade pelo bom funcionamento do grupo/bem comum e motivam a cooperação para alcançar determinado objectivo. Cada rapariga toma consciência do seu contributo para o sucesso do grupo.

As principais características do Sistema de Patrulhas encontram-se ligadas ao facto de encorajar as jovens a aprender umas com as outras, de as ajudar a aprender a liderar, e de proporcionar um ambiente em que todas desempenham um papel e assumem responsabilidades dentro do grupo (chefe de patrulha, secretária, tesoureira, guarda material, enfermeira,...).

Os proveitos educativos que se retiram deste sistema são vários e incluem, sem uma ordem especial, os seguintes: envolvimento – aprender fazendo, de uma forma activa; aprender com outras raparigas da mesma idade, num ambiente familiar e favorável, promovendo o espírito de grupo e a cooperação; desenvolvimento da atribuição, aceitação e partilha de responsabilidades; aquisição de capacidades de liderança; prática de competências democráticas, incluindo formas de tomada de decisão e sua implementação.

A *Patrulha* é, sobretudo, um espaço de socialização complementar à Família e à Escola, em que a rapariga vai tomando consciência do sentido do outro. Permite ainda que, no curso do seu desenvolvimento pessoal e na construção da sua personalidade, a jovem compare ideias e opiniões com os outros, de modo a descobrir o que é aceitável e o que se espera dela. A vida em *Patrulha* transmite à rapariga um sentido de identidade e pertença.

A *Patrulha* promove a oportunidade de desenvolvimento das capacidades de liderança de cada uma das Guias e, embora o grupo tenha uma chefe escolhida entre os seus pares, todas são encorajadas a tomar responsabilidade pelas diversas necessidades do grupo. No pequeno grupo a rapariga aprende a ser tolerante e a respeitar o próximo como pessoa individual, naturalmente diferente. A *Patrulha* é também um espaço privilegiado de aprendizagem da superação de conflitos e da aceitação das diferenças.

O conjunto das patrulhas é coordenado por uma dirigente que orienta o modo de funcionamento de cada grupo e que actua como uma “facilitadora”, promovendo oportunidades de desenvolvimento das capacidades individuais de cada Guia. As dirigentes têm formação pedagógica específica, devidamente acreditada pela WAGGGS, de modo a poderem prosseguir um trabalho adequado com as raparigas a seu cargo. Por outro lado, tal como em relação às jovens, também às dirigentes é incentivado que apostem na sua progressão individual, de uma forma continuada, não só contribuindo para o seu crescimento pessoal, mas servindo de exemplo para as jovens.

Aprender fazendo

Uma das ferramentas educativas do GUIDISMO que frequentemente o distingue como Movimento de educação não formal é o “aprender fazendo”. Isto quer dizer que a rapariga faz coisas por ela própria, e para si, não ficando a ouvir alguém ou a observar passivamente como se faz uma coisa. Fazer algo significa aprender mais depressa e melhor, uma vez que a experiência é pessoal e não em “segunda mão”. Implica cometer os seus próprios erros e aprender com eles. Através desta pedagogia activa, a rapariga participa e tem poder de decisão nas actividades que leva a cabo. Na medida da idade, a jovem é incentivada a escolher as actividades, a intervir no seu planeamento e na sua implementação.

Aprender fazendo fomenta a iniciativa própria e a criatividade, dado que permite à Guia tentar algo diferente e experimentar novas maneiras de fazer as coisas. Proporciona, também, avaliar e aprender a aceitar as decisões da maioria e a participar num sistema democrático.

A dirigente deve assegurar a autonomia das raparigas funcionando apenas como a impulsionadora da criação de oportunidades de crescimento e garantindo que as Guias estão em segurança e são realistas em relação aos seus planos e actividades. Alguns conhecimentos e capacidades terão ainda de ser ensinados através da instrução, ou seja, demonstração pela dirigente, sem que com isso deixe de ser dada a oportunidade às Guias de tentarem elas próprias fazê-lo. Se a rapariga cometer erros, a dirigente lá estará para a ajudar a descobrir a sua causa e a reflectir sobre como é que se pode evitar que os mesmos se repitam.

No decurso da adolescência o *aprender fazendo* é um método valioso, pois ajuda a jovem a clarificar e aceitar valores no seio do grupo e a compreender a necessidade de regras morais, sociais e de autoridade. Ao crescer, a rapariga tornar-se-á mais capaz de assumir papéis preponderantes e de tomar decisões, testando o seu potencial e desenvolvendo a auto-confiança, a criatividade e o espírito crítico.

Auto-desenvolvimento progressivo

O GUIDISMO considera um sistema de auto-desenvolvimento progressivo para cada indivíduo, incentivando cada Guia a tomar a decisão de escolher o caminho através do qual se vai desenvolver e qual o seu ritmo.

Para assegurar que o sistema de auto-desenvolvimento progressivo funciona é necessário garantir que cada Guia está consciente do seu próprio nível de desenvolvimento e é encorajada a progredir. O auto-desenvolvimento progressivo melhora as capacidades de auto-motivação, compreensão da liberdade de escolha, auto-disciplina, responsabilidade por si própria e iniciativa. Também desenvolve a aptidão para o trabalho em grupo, a tomada de decisão, a resolução de conflitos, a democracia, a acção individual e a criatividade.

Em relação às raparigas mais novas, cabe à Dirigente a responsabilidade pelo seu desenvolvimento individual. A Dirigente deve orientar cada rapariga e avaliar o desenvolvimento atingido, encorajando-a, ao mesmo tempo, a tentar assumir alguma responsabilidade sobre ela própria. A partir da adolescência a rapariga deve assumir cada vez mais responsabilidade pelo seu próprio desenvolvimento, orientada pela Chefe de Patrulha e apoiada pelos restantes elementos da *Patrulha*. À rapariga é facultada a possibilidade de explorar novas áreas, de tomar as suas próprias decisões, de descobrir as suas aptidões, pelo que, ao longo deste processo, ela necessita de estruturas que a apoiem, para chegar às suas próprias conclusões. Deste modo, as actividades programadas procuram reflectir os interesses das raparigas estando a dirigente desperta para as ajudar a traçarem o seu caminho e a reflectirem sobre os progressos realizados, criando ainda novas metas.

Actividades ao Ar Livre

O GUIDISMO desenvolve as suas actividades numa relação de grande proximidade com a Natureza, seja nos acampamentos, caminhadas ou jogos de orientação. Através do desenvolvimento desta vertente, o GUIDISMO procura incentivar a rapariga a uma comunhão saudável com o meio ambiente, promovendo a aprendizagem de princípios ecológicos fundamentais, sensibilizando-a para a escassez de recursos e incentivando cada uma à co-responsabilização num esforço tendente a um desenvolvimento sustentável. A Natureza pode ser uma força libertadora, ajudando as raparigas a conhecer as suas forças, limitações e a descobrir a sua própria espiritualidade.

Serviço à comunidade

O serviço à comunidade estimula o sentido de responsabilidade no mundo em que cada Guia se insere, proporciona-lhe a oportunidade de conhecer e respeitar diferentes

culturas e maneiras de viver, e realça a influência que ela, como indivíduo, pode exercer no seu ambiente.

A Guia aprende que o trabalho comunitário é um compromisso sério e possivelmente a longo prazo, uma vez que cria expectativas dentro da comunidade e dá origem a um processo que tem de ser seguido até ao final.

Desde cedo, cada Guia é incentivada a participar em projectos comunitários adequados à sua idade, sendo embora na fase final da adolescência que se obtêm os maiores benefícios educativos do trabalho em projectos comunitários, pois ajudam as raparigas a encontrar os seus próprios valores, a aceitar a necessidade de regras e a tomar consciência de que todos somos diferentes. Os projectos de serviço à comunidade 'longe de casa' são de especial importância, uma vez que permitem à adolescente testar novos ambientes, promovendo uma progressiva autonomia sem a interferência e/ou influência imediata da família e do ambiente a que está habituada.

A Nossa Missão

Considerando o desafio que constitui a Missão do Movimento - *proporcionar às raparigas e jovens mulheres a oportunidade de desenvolverem plenamente o seu potencial como cidadãs universais responsáveis* - o **GUIDISMO** procura contribuir para a formação do carácter, através de uma pedagogia que fomenta a consciencialização e a interiorização de valores fundamentais. Para cada Guia a *Promessa* e a *Lei da Guia* constituem um quadro de referências e de princípios de conduta a que cada uma adere voluntariamente, numa base de compromisso pessoal, e que têm subjacentes o reconhecimento, a aceitação e a vivência de Valores como -

Honestidade	Lealdade	Confiança	Responsabilidade	Envolvimento
Respeito	Consideração	Tolerância	Disciplina	
Solicitude	Amizade	Generosidade	Alegria	Optimismo
Entusiasmo	Genuinidade	Ética	Espiritualidade	

A pedagogia guidista, tendo por base a participação activa da rapariga, promove uma educação para a autonomia e a responsabilidade, motivando a jovem a empenhar-se no seu desenvolvimento e a progredir nas suas capacidades pessoais.

O sentido de cooperação experimentado e vivido no pequeno grupo - a *Patrulha* - permitirá à rapariga, mais tarde, potenciar as suas relações interpessoais e sócio-profissionais, bem como desperta a necessidade de um envolvimento responsável na comunidade envolvente.

O sistema do autodesenvolvimento progressivo capacita a rapariga a aceitar desafios, a sentir autoconfiança no processo de tomada de decisões, tornando-a mais pró-activa e apta a assumir responsabilidades de relevo.

O GUIDISMO procura potenciar competências de liderança, nomeadamente através das diferentes responsabilidades que cada rapariga vai assumindo ao longo do seu desenvolvimento progressivo, bem como através do exemplo do exercício da liderança pelas dirigentes mais velhas.

O compromisso no serviço à comunidade é uma vertente da maior relevância no Movimento. O serviço ao próximo, que serve de lema a todas as Guias, permite a tomada de uma consciência cívica e convida cada uma a assumir um papel interventivo e dinâmico no desenvolvimento das comunidades. O facto de todo o Movimento assentar no voluntariado sensibiliza e motiva a rapariga à participação altruísta na construção do bem comum.

Assim, a rapariga estará mais preparada para intervir como cidadã plenamente empenhada, com vontade de aceitar desafios e como dizia *Baden Powell* motivada "*a deixar o Mundo um pouco melhor do que o encontrou...*".

Prof. Doutor Luís Miguel Neto

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa

1. Comentários Livres

Pretende-se efectuar uma incursão nas literaturas científicas da Psicologia e ciências sociais adjacentes, com vista ao esclarecimento de um conjunto de interrogações de ordem vivencial e pragmática:

Para onde é que vamos? Porque é que “isto” vai sempre de mal a pior?

Em quê e em quem confiar?

Há (ainda) lugar para a esperança? Ou, Dante *dixit*, será melhor deixá-la à porta?

Procurar a inteligibilidade e compreensão para estas questões utilizando outras interrogações é o que aqui, socraticamente, se propõe, utilizando para isso três metafóricos “regressos”:

O regresso dos heróis e da história, baseando-nos na consideração da evolução do pensamento de Francis Fukuyama e fazendo corresponder tal regresso à (re)valorização do **carácter**;

O regresso das virtudes e da consciência, tendo como referência alguns pontos das obras de Alistair McIntyre e Mihaly Csikszentmihalyi, fazendo-o corresponder à (re)valorização da **liderança**;

O regresso da vida colectiva e da socialização, tal como problematizado por vários autores e que é feito corresponder à (re)valorização da **cidadania**.

O Regresso dos Heróis, da História e do Carácter

Se não temos uma ideia sobre os últimos 5000 anos da História, estaremos condenados a viver o dia a dia sem o entendermos.

J. Gothe

Interrogações sobre a revalorização do carácter

Como se podem cultivar autonomia e diferenciação individuais num contexto em que as forças de homogeneização são prevaletentes, sem cair em marginalizações e radicalismos ostracizantes?¹

Na estrutura tipo torre de Babel do conhecimento e visões do mundo actuais - ver a extraordinária “janela de inteligibilidade” elaborada por George Steiner, em Steiner (2002) - quem melhor distingue a complexidade da confusão? Quais as principais fontes de ruído e entropia?²

O Regresso das Virtudes, da Consciência e da Liderança

Ser bom é magnífico. Mas, ensinar a ser bom é também magnífico e... dá muito menos trabalho.

Mark Twain

Interrogações sobre a liderança

Onde é que paira o “espírito analítico e crítico” do iluminismo e das universidades alemãs do século XIX, condição próxima, entre outras coisas, da revolução industrial e da modernidade? Quem nos dias de hoje se arrisca a inovar, a sair fora do rebanho, pensar fora dos parâmetros mantendo como horizonte o bem comum? Ainda existem pensadores independentes que com a sua reflexão possam servir de referência na vida colectiva? Qual a cotação do risco pessoal fundamentado na razão? Os líderes naturais extinguiram-se ou estão apenas a hibernar?

O problema da liderança e da formação de líderes não é meramente técnico ou científico. Ele toca, também, alguns dos alicerces da organização social e cultural do

1 Ver a este propósito a magnífica investigação de John Krakauer, *Into the wild* sobre o “suicídio” de um jovem norte americano na imensidão gelada do Alasca. Nota parentética a servir de aviso à navegação: Jornalismo de investigação é, também, tornar inteligíveis as motivações do comportamento individual considerado extremo ou desviante pela própria cultura onde emerge.

2 A relevância da distinção resulta da constatação de que a sobrevivência dos organismos mais complexos os torna mais viáveis e reprodutíveis. Na situação recíproca, um acréscimo inusitado de entropia psíquica é paralisante ou mesmo letal para o indivíduo.

ocidente. Não há líderes num vácuo cultural ou formação fora da definição de um contexto e objectivos específicos, enfim, de uma visão de futuro.

Perdoem-me a insistência:

Depois da cidade de Deus, dos amanhãs que cantam, do homem (e mulher) novos, e até do descrédito da ciência, criar líderes e técnicas de liderança para afirmar e defender exactamente o quê?

O Regresso da Socialização, da Vida Colectiva Responsável e da Cidadania

O homem? Um pouco abaixo dos anjos, um pouco acima dos macacos.

Schiller

Interrogações sobre a revalorização da cidadania

O que esperar então? O que exigir à escola? Sendo professor de disciplinas de comunicação há cerca de 20 anos é-me muito claro que as minhas aulas nunca suscitaram junto dos alunos o mesmo interesse que, digamos, a MTV, ou a versão mais recente do *Tetris* ou *Mortal Combat* - perdoe-se-me a desactualização em jogos electrónicos. Quanto às famílias: Como é que podem ser, em simultâneo com as pressões várias a que são sujeitas, espaços de acolhimento e exigência, portos de abrigo e de partida? O que é possível fazer conjuntamente em família de pelo menos duas gerações que seja simultaneamente interessante, agradável e promotor do crescimento individual e das relações interpessoais? As famílias conhecem a rede de relações dos seus mais novos? As escolas convidam os encarregados de educação para coisas interessantes ou só em situações de “alerta vermelho”?

The last but not the least: Quem tem a obrigação de pensar na necessidade de coordenação de influências na área educativa? De pôr em prática novos procedimentos de relação escola-família, família-pares, educação familiar para os media, etc.?

O que aqui está em causa é isto: Uma sociedade que se arrisca a deixar os mais jovens serem influenciados indiscriminadamente, pagará por isso. A conta será, inevitavelmente, elevada. Deixar as crianças à frente da televisão, os jovens sem objectivos nem responsabilidades, é hipotecar as suas possibilidades de futuro. Todo o educador responsável deve sabê-lo.

O Regresso dos Regressos é um (Novo) Progresso?

As dificuldades do presente conduzem-nos, “instintivamente”, ao passado. O que é bom. Caminha-se com mais segurança e convicção para o futuro, quando se têm presentes os melhores momentos da experiência passada. Salientar virtudes aparentemente regressivas como o carácter, a liderança e a cidadania deve ser visto como sintoma de uma sociedade que se quer catapultar para o futuro, fundamentando-se, criticamente, no melhor de si. O desafio, como com Ulisses os argonautas e o canto das sereias, ou com Lot e sua mulher, consiste em não ficar preso na contemplação do passado, antes perspectivando-o como uma pedagogia de avanço em direcção ao futuro. Como, então, concretizar uma “educação tradicionalista e progressista”, casar utopia e realidade, reabilitar a instituição e práticas educativas, diminuir a entropia psíquica e o nevoeiro moral que parecem ter as características de uma epidemia do ser profundo? O desafio é, sem dúvida, amplo. Porém, como Einstein dizia, a melhor maneira de resolver um problema implica uma formulação convenientemente dos seus dados, isto é um bom diagnóstico e, depois, muita imaginação e persistência.

Foi esse horizonte de optimismo prudente e esperançado que se pretendeu aqui evocar.

Bibliografia

Krakauer, J. (1997). *Into the Wild*. Nova Iorque: First Anchor Books.

Neto, L. (2001). ‘Meu filho um fundamentalista’: Uma abordagem psicológica e comunicacional. *Communio – Revista Internacional Católica*, 18,6, 568-572.

Neto, L., Marujo, H., (2002). Inteligência Emocional, Optimismo e Psicologia Positiva na Formação de Professores, Pais e Educadores: Perde alguma coisa se experimentar os óculos cor de rosa? In *Conversas Educativas*. Coimbra: Sindicato dos Professores da Zona Centro.

Neto, L. (2003). Consequências pessoais da transição do ‘fim da história’ ao choque de civilizações. In *Religiões: Identidade e Violência*. Lisboa: Livraria Alcala, Editora.

Neto, L., Marujo, H., Perloiro, F., (2003). *Educar para o Optimismo* (9ª edição). Lisboa: Editorial Presença.

MacIntyre, A. (1981). *After Virtue*. Indiana: University of Notre Dame Press.

Csikszentmihalyi, M. (2002). *Fluir: A Psicologia da Experiência Ótima*. Lisboa: Relógio de Água.

Steiner, G. (2002). *Gramáticas da Criação*. Lisboa: Relógio de Água.